

O BANGALÔ COMO EXPRESSÃO DA “MODERNIDADE” EM BAURU

EL BUNGALOW COMO EXPRESIÓN DE LA “MODERNIDAD” EN BAURU

Karla Di Giacomo Dias Oliveira dos Santos¹

Resumo

Bauru não desenvolveu uma arquitetura eclética expressiva, mas destacou-se pela adoção do bangalô, introduzido com a expansão ferroviária e apropriado pelas classes médias como símbolo de “modernidade”. O bangalô, natural indiano, esteve presente em diversos países, a princípio funcionou como uma solução para os colonizadores britânicos, que, na Índia, não conseguiam adaptar seu tipo de moradia fechada ao clima tropical. Tamanha foi a sua aceitação, que o bangalô emerge a um mundo desconhecido, chegando à Inglaterra e suas demais colônias. Este trabalho teve como objetivo investigar e evidenciar os bangalôs de Bauru, tipologia residencial que representou uma forma de morar contemporânea ao seu tempo. Atualmente, muitos exemplares encontram-se descaracterizados ou destruídos por abandono ou vandalismo, apesar de sua importância histórica e arquitetônica. Assim, o estudo buscou compreender a trajetória do bangalô desde sua origem até sua chegada ao Brasil e a Bauru, identificando possíveis características adquiridas. Para isso, realizou-se levantamento bibliográfico e análise de plantas e documentos do arquivo da Prefeitura Municipal de Bauru a fim de contribuir para o reconhecimento e a preservação dessa tipologia arquitetônica, cuja presença ainda marca a paisagem e a memória urbana da cidade.

Palavras-chave: Tipologia, Bangalô, Bauru.

Abstract

Bauru did not develop an expressive eclectic architecture, but it stood out for the adoption of the bungalow, introduced with the expansion of the railway and embraced by the middle classes as a symbol of “modernity.” The bungalow, originally from India, appeared in several countries; at first, it served as a solution for British colonizers who, in India, were unable to adapt their closed housing style to the tropical climate. Its acceptance became so significant that the bungalow ventured into an unfamiliar world, eventually reaching England and its other colonies. The purpose of this work was to investigate and highlight the bungalows of Bauru, a residential typology that represented a contemporary way of living for its time. Today, many examples are found altered or destroyed due to neglect or vandalism, despite their historical and architectural importance. Thus, the study sought to understand the trajectory of the bungalow from its origin to its arrival in Brazil and in Bauru, identifying possible characteristics acquired along the way. To achieve this, bibliographical research was carried out along with an analysis of plans and documents from the Municipal Archive of Bauru, aiming to contribute to the recognition and preservation of this architectural typology, whose presence still marks the city’s landscape and urban memory.

Keywords: Typology, Bungalow, Bauru.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAAC/Bauru; digiacomokarla@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pretende-se, neste trabalho, identificar e analisar as características do bangalô enquanto tipologia residencial que trouxe praticidade e “modernidade” para o morar em Bauru, ou seja, uma ruptura com as tradições do ecletismo, uma vez que, diferenciava-se dessas edificações rebuscadas e com pé direito alto, que compunham o cenário urbano da cidade no início do século XX. Para tanto, torna-se necessário abordar, mesmo que brevemente, sua trajetória desde as origens na Índia, passando por sua difusão aos Estados Unidos e Europa, até sua chegada ao Brasil, situando-o no contexto mais amplo da evolução da arquitetura residencial no país.

Assim,

Nos Estados Unidos, os bangalôs se espalharam pelos bairros e subúrbios arborizados, que eram a principal escolha de moradia no país ao longo do século XX. Embora tenham surgido a partir de uma construção simples e vernacular da Índia, os bangalôs passaram a adotar uma estética universal e despojada, recebendo adaptações específicas conforme os locais onde foram implantados. (SANTOS, 2016, p.7)

Ressalta Janjullo (2011) que se as origens do bangalô “moderno” estão na Inglaterra, foi nos Estados Unidos que ele se desenvolveu, chegando através de conexões que incluíam livros, jornais e revistas, a partir de 1905 e após isso disseminou-se.

Vale ressaltar que a presença do bangalô no Brasil, deu-se, primeiramente, pela relação com a presença da ferrovia, influência dos ingleses, bem como por revistas e filmes da época, que tinham como referência os Estados Unidos; e também pelo impacto de Barry Parker, arquiteto e urbanista inglês, que projetou o Jardim América em São Paulo.

A presença desses bangalôs na área central de Bauru foi marcante e justifica-se pela relação direta entre o surgimento do bangalô e a implantação da ferrovia, processo que impulsionou o crescimento urbano e favoreceu a introdução de novos modelos habitacionais. A tipologia, foi marcada pela simplicidade construtiva, pelo pé-direito mais baixo, pelo recuo frontal e, sobretudo, pela presença da varanda — elemento de transição, convivência e conforto climático — que se apresentou como alternativa modernizadora em contraste às residências ecléticas então vigentes.

Adotado principalmente por trabalhadores e funcionários da ferrovia, o bangalô difundiu-se pela cidade, tornando-se expressão arquitetônica característica de sua época. Há

falta de reconhecimento do valor histórico desses exemplares na cidade, hoje frequentemente demolidos, descaracterizados ou abandonados. Assim, este estudo busca contribuir para sua identificação, valorização e preservação, como parte essencial da memória urbana local.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Essa pesquisa, fundamentou-se inicialmente em levantamento bibliográfico nacional e internacional, ressaltando a trajetória do bangalô, desde sua origem na Índia até sua difusão no Brasil e, posteriormente, sua presença na cidade de Bauru, interior do estado de São Paulo.

Além da base teórica, a investigação contou com a análise documental de plantas arquitetônicas preservadas na Secretaria de Planejamento (SEPLAN) de Bauru. Embora muitos documentos apresentem deterioração, devido ao armazenamento precário, o material existente revelou-se fundamental para identificar elementos projetuais recorrentes e mudanças tipológicas ao longo das décadas. Foram encontrados 51 projetos de bangalôs, entre a década de 1920 a 1940, com eles podem ser observadas as eventuais mudanças, ou constâncias, na linguagem tipológica. Entretanto, a investigação limitou-se a um intervalo de 20 anos por conta da grande quantidade desses edifícios e que ainda continuavam sendo construídos após 1940. A metodologia incluiu, ainda, a análise morfológica e tipológica dos bangalôs encontrados, com especial atenção à volumetria, à organização interna dos espaços, aos elementos ornamentais, interpretados como “roupagens”.

Foi escolhido um recorte em meio à malha, envolvendo a região central e dois bairros próximos, a Vila Falcão e o Jardim Bela Vista, por serem mais antigos, criados no decorrer dos anos 1920. Muitos projetos mantidos pela SEPLAN são do centro da cidade e da Vila Falcão, porém, dos projetos localizados no Jardim Bela Vista, não foram encontradas as plantas na prefeitura, contudo, no bairro ainda existem bangalôs edificadas pouco descaracterizados.

A pesquisa se embasou em diversos materiais primários e secundários: jornais da época consultados no acervo da Universidade do Sagrado Coração de Jesus, documentos do Museu Municipal e Ferroviário, dissertações e teses localizadas nas bibliotecas da UNESP (Universidade Estadual Paulista) e da USP (Universidade de São Paulo).

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Nova forma de morar: o bangalô, da Índia a Bauru.

De acordo com Varol (2013), o termo *bungalow* deriva da região de Bengala, na Índia, e refere-se a uma residência unifamiliar (figura 1) típica das classes médias, geralmente marcada por pequenas varandas de acesso, além de recuos laterais e frontais. Varol (2013) argumenta ainda que a difusão dessa tipologia ocorreu a partir da presença britânica no território indiano, propagando-se posteriormente pela Europa e América do Norte, onde sofreu adaptações conforme as especificidades locais. Dentro desse mesmo raciocínio, considera-se plausível que, assim como os ingleses disseminaram o bangalô em diversos países, tenham-no introduzido também no Brasil por meio da ferrovia, inicialmente implantada por eles.



Figura 1. Bangalôs de arquitetura vernacular indiana. Fonte: Kramer, 2006, p.10

Nos Estados Unidos, os bangalôs proliferaram nos bairros e subúrbios ajardinados que caracterizavam a opção residencial típica do contexto norte-americano do século XX. Originário da casa simples e vernacular indiana, o bangalô caracterizou-se por uma linguagem universal despojada, contudo redesenhada em alguns detalhes nos contextos locais em que se desenvolveu. (WOLF, 2001, p. 189)

Esse processo de difusão internacional encontra eco no Brasil. Naslavsky (1998), destaca que a nova cultura habitacional associada ao bangalô — derivada da popularização

do modelo inglês — chegou ao país também por intermédio de revistas especializadas, difundindo uma “nova maneira de morar” nos subúrbios de São Paulo.

No âmbito da cidade de São Paulo, o “bangalô urbano” menor e mais compacto, surge como um atrativo aos novos casais da classe média, e segundo os anúncios dos engenheiros Freire e Sodré mencionados por Janjullo (2009), os bangalôs seriam uma tentação, pois sua compra poderia ser dividida em inúmeras parcelas, o que facilitaria a vida do comprador para ter a casa própria, assim essa influência irradiou-se pelo interior paulista.

Correia (2004), argumenta que a moradia, enquanto elemento da organização social, incorpora significados distintos ao longo do tempo, refletindo transformações históricas, tecnológicas e de comportamento.

No caso brasileiro, a arquitetura residencial experimentou profundas mudanças entre meados do século XIX e o início do século XX, marcadas, inicialmente, pela transição do estilo colonial para o ecletismo. Fabris (1987), em *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*, explica que, na Europa, o ecletismo expressava uma cultura arquitetônica própria da burguesia, que privilegiava o conforto, amava as novidades e o progresso, mas rebaixava a produção arquitetônica e artística ao nível do gosto e da moda. Assim, o ecletismo configurava-se como uma “somatória de criações individuais”, resultando em soluções formais variadas e frequentemente personalizadas.

Com isso, a pesquisa afunila-se até Bauru, cidade do interior paulista, onde sua posição estratégica contribuiu para a chegada dos trilhos e redefiniu o desenho e o cotidiano da cidade, logo, infraestrutura, calçamento, novos edifícios públicos fizeram parte do cotidiano da cidade. Assim, conforme Santos (2014), essas mudanças tenham impactado também as formas de morar, introduzindo novas tipologias que simbolizavam modernidade, como os bangalôs. A ocupação da região de Bauru teve início em meados do século XIX, marcada, predominantemente, pela chegada de migrantes de Minas Gerais (Ghirardello, 1992). O início do século XX foi marcado pela implantação das ferrovias Sorocabana, Noroeste e Paulista.

É no arruamento ortogonal do centro da cidade, definido em 1888 — o sítio histórico de Bauru — que se concentra o maior número de bangalôs edificadas no início do século XX, conforme indica Ghirardello (1992, p. 52). A difusão expressiva dessa tipologia pode estar relacionada ao perfil da cidade: uma urbe essencialmente ferroviária, de classe média emergente e sem tradições arquitetônicas enraizadas. Tal condição contrasta com cidades

impulsionadas pelo ciclo do café, onde se consolidou uma arquitetura eclética mais monumental.

Os bangalôs, como aponta Ghirardello (1992), caracterizavam-se pela implantação centralizada no lote, telhados de várias águas e pequenos jogos volumétricos. Wolf (2001) reforça essa descrição ao afirmar que o bangalô brasileiro do século XX apresentava telhados baixos, oitões voltados para a fachada, janelas simples de vergas retas, além da presença da varanda.

Essas edificações também se diferenciam das ecléticas pelo pé-direito reduzido, adequando-se ao Código de Posturas de 1928, onde as especificações sobre “bungalow” eram presentes. O Art. 64º §2º regulamentava o recuo frontal de quatro metros, permitindo internamente um pé-direito de três metros, contrastando com as casas ecléticas alinhadas ao lote, cujo pé-direito mínimo era de 4,5 metros (Ghirardello, 1992). Como consequência, portas e janelas dos bangalôs tornaram-se menores, o que era permitido pelo Art. 68º §1º, que flexibilizava dimensões conforme a linguagem da edificação.

A respeito da arquitetura eclética (figura 2), Reis Filho (2013, p. 49) observa que seus primeiros exemplares “apresentavam apenas discreto afastamento em um dos lados”.



Figura 2: Planta de uma típica residência eclética. Quadro da Arquitetura no Brasil (Reis Filho, 2013, p.49)

A planta apresentada ilustra a organização espacial da casa eclética destinada à classe média: acesso lateral, sala de visitas ou jantar à frente, corredor central ligando aos dormitórios e aos demais cômodos de serviço, situados ao fundo — frequentemente cozinha, banheiro e, em muitos casos, um dormitório separado para a criada. Em contraste, o bangalô bauruense (figura 3) possuía acesso frontal por varanda, conduzindo diretamente à sala, de onde se distribuíam os quartos e a cozinha. As diferenças entre as duas tipologias são marcantes: disposição interna, quantidade de ambientes e relação da edificação com o lote, sendo a eclética alinhada à rua e o bangalô recuado.

O projeto (figura 3) seguinte tem uma característica particular, pois diferencia-se o seu cômodo, cuja janela é na fachada da casa, sendo sala de visitas e não dormitório, como era comum nos bangalôs bauruenses.

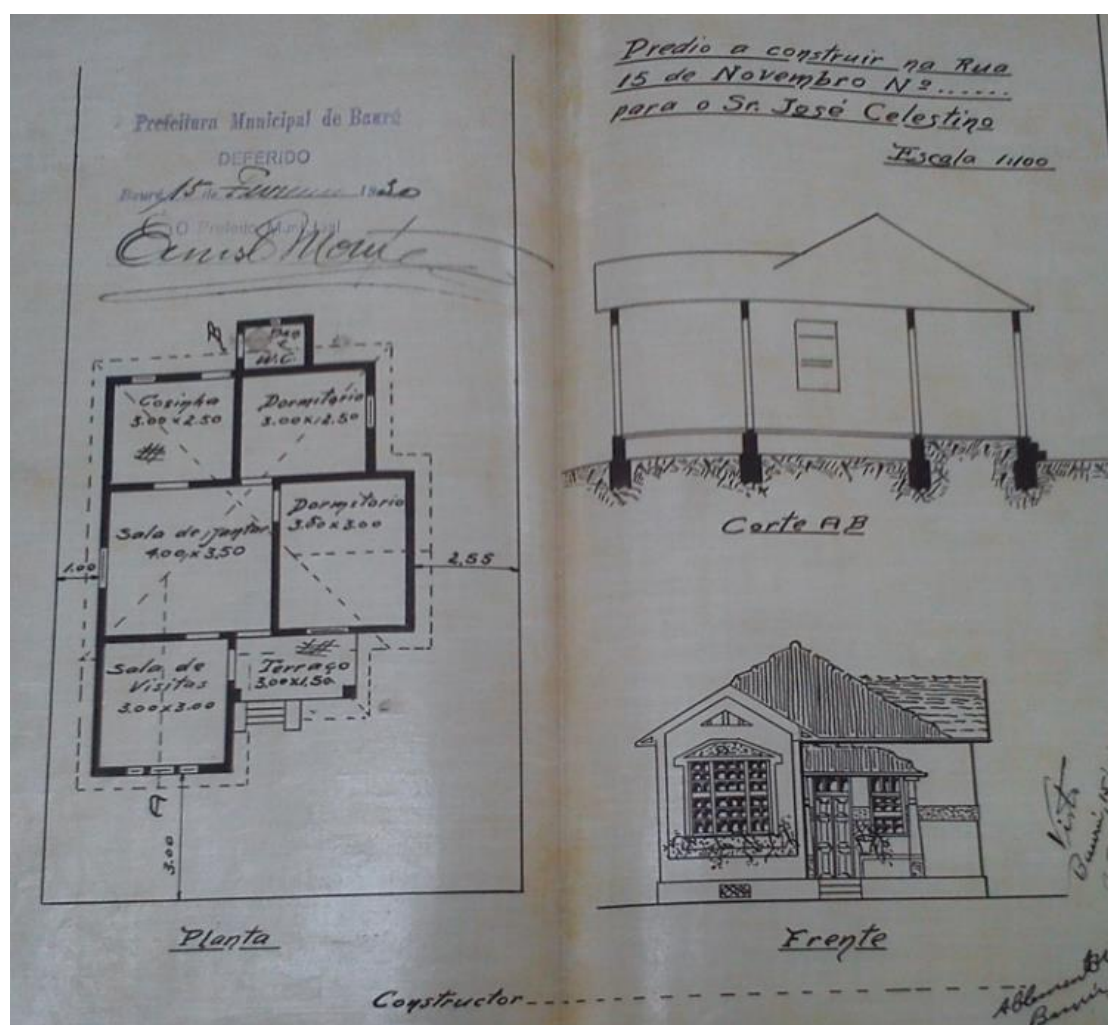


Figura 3. Bangalô construído na cidade de Bauru em 1930. Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Bauru – SEPLAN, 2015.

No bangalô, de acordo com Santos (2016), o tradicional corredor central desaparece em favor de uma sala que organiza os fluxos internos. Quanto à ornamentação, observa-se a simplicidade em contraste com a casa eclética, que buscava, replicar o luxo decorativo dos palacetes paulistanos, principalmente na fachada frontal. Diante disso, é possível afirmar que os bangalôs foram construídos de maneira mais compacta e econômica do que as residências ecléticas destinadas à classe média. Deste modo, atendiam de forma mais adequada e atualizada às demandas cotidianas de seus moradores, pequenos comerciantes e funcionários públicos e por se enquadrar a praticidade do homem médio, tornou-se bem presente nas vilas ferroviárias.

Segundo Santos (2014), a simplicidade e a capacidade de adaptação do bangalô facilitaram sua disseminação: da Índia para o mundo, dos colonizadores ingleses para as ferrovias, e destas para o interior paulista. Em Bauru, transformou-se em uma tipologia comum e cotidiana, espalhando-se pelos bairros e fazendo parte da construção material e simbólica da cidade.

Em 1929, o bairro Jardim Bela Vista foi criado, com o intuito de seguir as ideias de um bairro Jardim, destinando-se à classe média, com propagandas de habitações a serem pagas de forma parcelada. O estímulo, segundo jornal da época, era feito através da oferta de uma casa confortável em estilo bungalow (figura 4). (SANTOS, 2016, p. 82)

Contudo, de acordo com Santos (2016), o bairro não conseguiu atingir a proposta de se distinguir dos demais e caracterizar-se como um verdadeiro bairro-jardim. Seu traçado viário permaneceu fiel ao padrão tradicional da cidade, organizado em formato de tabuleiro de xadrez, sem adotar ruas sinuosas que a própria topografia em declive sugeria, nem incorporar grande arborização ou áreas verdes. Além disso, o local carecia de infraestrutura e acabou sendo ocupado majoritariamente por trabalhadores, especialmente funcionários da ferrovia, em vez de atender ao público de classe média para o qual havia sido inicialmente planejado.

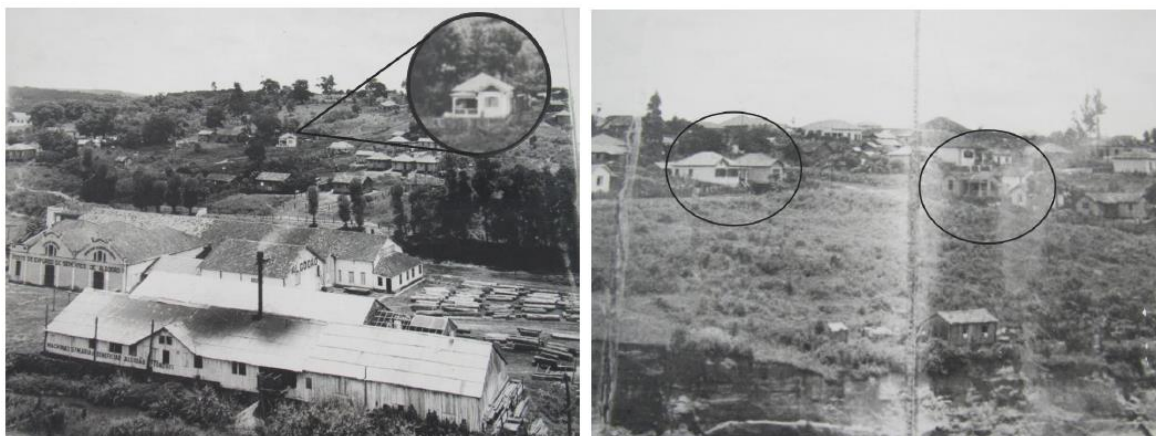


Figura 4. Imagem do bairro Bela Vista. Bangalô compondo o cenário. Fonte: Santos, 2016.

A presença do bangalô foi tornando-se cada vez mais marcante na cidade, foi alvo de críticas infundadas do colunista e engenheiro H. de Andrade Campos, afinal, ele se refere ao bangalô como uma tipologia criada na Índia e que o britânico se apropriou, mas, em seguida, ele trata como se o bangalô bauruense fosse inglês, mas isso não aconteceu em Bauru, pois o bangalô assume características bem diferenciadas quando se instala no Brasil. O autor ainda critica a falta de cumprimento ao Código de Posturas e dois anos após sua publicação, em 1928 – como mencionando anteriormente – o novo Código contará com as exigências necessárias para a tipologia bangalô, especialmente na questão do pé direito reduzido.

Mesmo com manifestação marcante na cidade,

[...] não há nenhum reconhecimento do bangalô pelos órgãos responsáveis pela preservação arquitetônica [...]. Soma-se a isso o desconhecimento da população sobre sua importância para a história de Bauru, o que concorre para sua demolição, degradação e descaracterização paulatina. (SANTOS, 2016, p.7)

Diante disso, este trabalho se torna importante ao contribuir para preservar esses exemplares e destacá-los como patrimônio arquitetônico dentro da malha urbana contemporânea na qual estão inseridos. (figura 5)



Figura 5. Bangalô construído na cidade de Bauru com varanda “boca de forno”, localizado na Rua Antônio Alves. Fonte: Acervo da autora, 2014.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A tabela 1 a seguir sintetiza parte do levantamento documental realizado junto à Secretaria de Planejamento (SEPLAN) da Prefeitura Municipal de Bauru, resultado de um amplo mapeamento, mencionado anteriormente, de projetos de bangalôs registrados entre as décadas de 1920 e 1930.

A distribuição temporal dos projetos evidencia um recorte significativo do desenvolvimento urbano de Bauru, marcado pela consolidação dos loteamentos centrais, pela ampliação da malha ferroviária e pela difusão de novos modos de morar. Nota-se maior concentração de projetos entre 1928 e 1936, período em que a cidade experimenta forte desenvolvimento construtivo, coincidindo com a popularização do bangalô enquanto solução arquitetônica moderna, adaptada ao clima e aos novos padrões de conforto.

A análise espacial dos projetos aponta forte incidência nas vias centrais, como a Rua 15 de Novembro, Rua Sete de Setembro, Rua Campos Salles e Rua Bernardino de Campos, evidenciando a valorização urbana dessas áreas à época. Esse padrão de localização sugere que o bangalô desempenhou papel relevante na conformação da paisagem cotidiana da cidade, compondo um cenário arquitetônico que mesclava tradição e “modernidade”. Ao

mesmo tempo, reforça a importância desses exemplares para a memória urbana, já que muitos desses logradouros permanecem como eixos estruturadores de Bauru.

No entanto, alguns bangalôs possuem roupagens, ou seja, alguns adornos em sua fachada, e mesmo contrapondo o ecletismo, rendeu-se a alguns ornatos ecléticos, sendo esses os mais predominantes. Nesse conjunto, também se destacam alguns exemplares identificados como Déco e Missões, indicando a presença de influências estilísticas diversificadas e revelando processos de experimentação estética dentro da própria tipologia. O registro de um bangalô de madeira (1928) acrescenta ainda uma camada de complexidade ao estudo, ao demonstrar variações construtivas que dialogam com questões econômicas e com a disponibilidade de materiais no período.

Ano	Classificação	Localização
1922	Eclética	Rua 15 de Novembro
1927	Eclética	_____
1928	(Madeira)	Rua Altino Arantes
1928	Eclética	Rua 15 de Novembro
1928	Eclética	Rua Sete de Setembro
1928	Eclética	Rua Inconfidência
1928	Eclética	Rua 15 de Novembro
1928	Eclética	Rua 15 de Novembro
1928	Eclética	Rua Sete de Setembro
1928	Eclética	Rua Campos Salles
1930	Eclética	Rua Epitacio Pessoa
1930	Eclética	Rua Costa Ribeiro
1930	Eclética	Rua 15 de Novembro
1930	Eclética	Rua 15 de Novembro
1930	Eclética	Rua 15 de Novembro
1930	Déco	Prudente de Moraes
1935	Eclética	Rua Alfredo Maia
1935	Eclética	Rua Siqueira Campos
1935	Eclética	Rua Costa Ribeiro
1935	Eclética	Rua Alfredo Maia
1935	Eclética	Rua Bernardino de Campos
1935	Eclética	Rua Azarias Leite
1936	Eclética	Rua 15 de Novembro
1936	Missões	Rua Azarias Leite
1936	Missões	Rua Azarias Leite
1937	Eclética	Rua Alfredo Maia
1938	Eclética	Rua Albuquerque Lins

Tabela 1: Santos, 2017.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tipologia do bangalô tornou-se uma alternativa para melhorar, simplificar a forma de habitar. Inicialmente indiano, posteriormente acolhendo a burguesia inglesa, seguindo para os Estados Unidos, chegando ao Brasil e como recorte preciso, a Bauru.

Observa-se que o bangalô apresenta notável singularidade e exerce expressiva presença no cenário central de Bauru, especialmente nas proximidades da ferrovia. Essa tipologia agrega um conjunto significativo de valores, seja por refletir um contexto histórico específico, por representar uma linguagem arquitetônica predominante em sua época ou por introduzir novas formas de habitar. Apesar disso, permanece pouco reconhecida pela comunidade como patrimônio a ser preservado.

Diante de todos estes conceitos, valores históricos e arquitetônicos que são imbuídos os bangalôs, Santos (2016) coloca que essa tipologia não tem recebido a devida valorização; ao contrário, vem sendo deteriorada e modificada de forma inadequada, antes mesmo de ser reconhecida como uma arquitetura que guarda parte da história de Bauru. Assim, este trabalho busca evidenciar a relevância arquitetônica de uma habitação de origem indiana, que percorreu um longo caminho até chegar ao interior de São Paulo, trazendo consigo história, soluções construtivas e modernidade diante de uma nova forma de morar no século XX.

REFERÊNCIAS

CORREIA, Telma de Bastos. A Construção do Habitat Moderno no Brasil – 1870-1950, São Carlos, 2004.

FABRIS, Annateresa (org.). Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo, Nobel, 1987.

FONTANA, Artemis. Marcas do Moderno na Arquitetura de Bauru. 2003. 517f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Planejamento) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.

GHIRARDELLO, Nilson. Aspectos do direcionamento urbano da cidade de Bauru. 1992. 185f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Planejamento) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 1992.

JANJULIO, Maristela. Arquitetura residencial paulistana dos anos 1920: ressonâncias do Arts and Crafts? 2009. 408f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) —Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

_____. Bangalô – Subúrbio: A circulação intercontinental de uma nova cultura da habitação no início do século XX. Campinas, Oculum ensaios 13 p.46-58 janeiro -junho 2011.

LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. História da Casa Brasileira. 2ªed. São Paulo: Contexto,1996.

NASLAVSKY, Guilah. Modernidade Arquitetônica no Recife: arte, técnica e arquitetura de 1920 a 1950.1998. Dissertação – Mestrado em Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Arquitetura no Brasil.12ªed.São Paulo: Perspectiva, 2013.

SANTOS, Karla Di Giacomo Dias Oliveira dos; GHIRARDELO, Nilson. Una nueva forma de vivir en el siglo XX: bungalós en la ciudad de Bauru. Procesos Urbanos, Sincelejo, v. 4, p. 36–58, 29 dez. 2017. DOI: 10.21892/2422085X.348.

_____. Karla Di Giacomo Dias Oliveira dos. Bangalôs em Bauru: uma nova forma de morar para o século XX. 2016. 204f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, 2016.

_____. Karla Di Giacomo Dias Oliveira; GHIRARDELLO, Nilson. Uma nova forma de morar: os bangalôs de Bauru. In: CICOP – Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Edificado, 2014, Bauru. Anais do Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Edificado. Bauru: UNESP/FAAC, 2014.

VAROL, Gökhan. Identification of Bungalow Houses in North Cyprus. 2013 Dissertação – Mestrado em Arquitetura - Eastern Mediterranean University. Gazimağusa, 2013.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. Jardim América: O primeiro bairro de São Paulo e sua Arquitetura. São Paulo: Edusp, 2001.